

aplicam também nesses casos. Os comentários podem ser enviados ao mesmo endereço.

CALVIN S. HALL e GARDNER LINDZEY, *Teorias da Personalidade*, tradução de Lauro Bretones e Aidyl Macedo de Queiroz, São Paulo, Herder e Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

A personalidade ocupa um lugar muito curioso na teoria psicológica. De um lado, aparentemente todos os psicólogos sabem que pouco terão conseguido se não puderem prever o comportamento do indivíduo global, pois apenas este pode agir, lembrar, esquecer, desejar. De outro, quando o psicólogo deseja fazer trabalhos experimentais, capazes de permitir predição do comportamento, parece obrigado a escolher determinada função do indivíduo: percepção, aprendizagem, atitude, angústia. Disso resulta uma situação teórica insustentável: os *personologistas* apresentam descrições aparentemente satisfatórias, intuitivamente corretas, mas inaproveitáveis para a verificação experimental; os *experimentalistas*—sobretudo da aprendizagem—apresentam esquemas teóricos satisfatórios para o trabalho de laboratório, mas é difícil ver qual a relação entre seus resultados e a nossa vida diária.

O livro de C. S. Hall e G. Lindzey—agora traduzido para o português—é talvez uma boa comprovação dessa situação atual da psicologia, e seu grande mérito é tornar explícitas essas dificuldades teóricas da psicologia.

No primeiro capítulo, os autores discutem a natureza da teoria da personalidade, baseando-se principalmente nos esquemas do positivismo lógico. Essa discussão parece preparada para mostrar a inadequação das teorias da personalidade, quando colocadas diante dos modelos atuais do pensamento científico-experimental. No entanto, em vez de fazer esse cotejo e essa crítica, os autores passam a fazer um resumo das teorias de Freud; Jung; Adler, Fromm, Horney e Sullivan; Murray; Lewin; Allport; Goldstein; Sheldon; Eysenck e Cattell; Dollard e Miller, Mower, Sears.

Ao contrário do que se poderia esperar, os autores não procuram, diante de cada teoria, mostrar até que ponto se ajusta, ou não, ao modelo apresentado no primeiro capítulo; em vez disso, apresentam um resumo muito bem feito de cada uma e deixam para o último capítulo a crítica teórica mais ampla.

Haverá justificativa para esse esquema? De um ponto de vista didático, os leitores só têm a ganhar com a exposição, pois os autores resumiram, em poucas páginas e em linguagem clara e acessível, as principais teorias da personalidade. Considerem-se, como exemplos as teorias de Jung, de Eysenck e de Dollard e Miller. Os expositores dessas teorias tendem a apresentá-las em linguagem esotérica e aparentemente especializada, de forma que o estudioso de uma delas tende a ignorar inteiramente as outras. Hall e Lindzey, ao contrário, aceitaram o desafio de uma exposição sumária de todas elas, de forma que podemos apreciá-las de maneira coerente e inteligível.

Todavia, de um ponto de vista sistemático ou teórico, o livro é insatisfa-

tório, não por culpa dos autores, mas por causa da situação teórica já indicada. A rigor, não podemos cotejar as teorias de Jung e da análise fatorial, nem podemos dizer que uma está certa ou errada, que uma é mais produtiva do que outra. Os jungianos e os adeptos da análise fatorial—para continuar nesse exemplo de casos extremos—não se movem no mesmo universo teórico, sequer no mesmo universo de linguagem. A teologia de um, é a demonologia de outro. Por isso, quando aceitamos uma dessas teorias, a escolha não pode depender de critérios objetivos, mas sim de preferências subjetivas, determinadas por nossa personalidade e não por razões estritamente teóricas.

As alternativas atuais são evidentes: ou reconhecemos—como Allport—que a teoria da personalidade não pode ser uma teoria *nomotética*, mas sim *idiográfica*, ou reconhecemos que ainda não temos uma autêntica teoria da personalidade. A sugestão dos autores—para que aceitemos uma das teorias e procuremos verificá-la experimentalmente—está de acordo com a tradição das ciências naturais, mas tem pouco sentido no estado atual da teoria da personalidade. Afinal, embora Sheldon, por exemplo, tenha procurado realizar verificações de sua teoria, todos sabem qual o destino de seus dados.

E talvez possamos encontrar ajuda em desenvolvimento teórico mais recente; talvez um dos caminhos abertos à pesquisa seja a percepção de pessoa, através da qual possamos compreender os processos de descrição e compreensão do outro. Embora tais estudos sejam ainda insatisfatórios, indicam um caminho para a superação do subjetivismo e da parcialidade das teorias de personalidade. Mas, evidentemente, essa é uma sugestão que não poderia ter ocorrido a Hall e Lindzey, pois grande parte desses estudos foi apresentada depois da edição original.

§ § § §

No caso de um livro traduzido, parece oportuno um pequeno comentário sobre a correção da tradução. De modo geral, a tradução de Lauro Bretones e Aidyl Macedo Queiroz é bem satisfatória e tem nível bem melhor que a maioria das traduções brasileiras. Mas alguns erros precisam ser corrigidos em nova edição do livro. O mais notório é o caso de *self*. A tradução de *self* é *eu*; os tradutores podem verificar isso pelo índice, onde o *eu* não aparece, pois foi substituído por *self*, o que indica que esta palavra inglesa não indica um sentido nôvo na língua portuguesa. Outro erro é experiência *primitiva* em vez de experiência inicial; outro ainda, é *ingenuidade*, por invenção ou criatividade.

Em conclusão, tal como ocorreu com a edição original, a edição brasileira terá grande utilidade didática, sendo excelente leitura de introdução às teorias contemporâneas de psicologia.

Faculdade de Filosofia de
Araraquara, São Paulo, Brasil
Dante Moreira Leite